

EMIVALDO MIRANDA - Vice-presidente do PDT municipal

De dois anos para cá a gente sente que o presidente Haroldo Duarte está levando o partido para um lado que não é aquilo que pensamos. É o lado de um prefeito cassado

Marcos Vieira e Flávio Mobaroli

Há pelo menos oito anos, alguns membros do PDT de Anápolis estão descontentes com o rumo que o presidente Haroldo Duarte tem dado ao partido. Só agora, em 2007, esse grupo resolveu se rebelar. Comandado pelo vice-presidente Emivaldo Miranda, esses militantes propõem a intervenção no diretório anapolino e a convocação de novas eleições. O motivo da briga, segundo Miranda, é a maneira como Haroldo Duarte trata o partido. "Há mais de

um ano que o partido não faz reuniões e o estatuto determina que esses encontros deveriam ser mensais", diz. Ele reclama também da participação do PDT no governo Pedro Sahium – a base pedetista não teria sido chamada para dialogar sobre os espaços dentro da administração. Miranda também lamenta a imposição de uma candidatura de Henrique Meirelles – algo que ele não acredita que possa acontecer – e a falta de valorização de alguns nomes do partido, como o suplente de deputado estadual José de Lima. Confira a entrevista concedida pelo vice-presidente na última quinta-feira, dia 21.

“O PDT parou no tempo”

Quais os motivos que levaram o senhor a entrar com uma representação pedindo a intervenção no diretório do PDT em Anápolis?

Entramos com uma representação junto ao diretório estadual devido às mazelas provocadas pelo presidente Haroldo Duarte. Há mais de um ano que o partido não faz reuniões e o estatuto determina que esses encontros deveriam ser mensais, com relatórios trimestrais. Isso não vem acontecendo. Além disso, nas duas últimas eleições o presidente tomou decisão contrária à direção estadual porque não concordava com as coligações. Inclusive ele entrou nas coligações adversárias. Acreditamos que isso vem enfraquecendo sistematicamente o partido na cidade. Pedimos à direção estadual que convoque eleições extraordinárias.

A deputada Isaura Lemos já acenou para essa possibilidade de intervenção?

Ela recebeu a representação e estará vindo aqui em Anápolis na segunda-feira (25) para tentar resolver esse impasse. Automaticamente muita coisa vai ser desenrolada, mas acreditamos que a deputada quer renovação, quer que o partido cresça e se desenvolva. Temos aqui várias assinaturas mostrando que grande parte da militância do PDT não está satisfeita com a direção municipal.

Quais são as críticas que se faz a esse grupo que está comandando o partido hoje?

Uma das críticas é que a base não foi chamada para participar desse governo [Pedro Sahium]. O presidente pinçou algumas pessoas que ele julga serem importantes e o partido, hora nenhuma, sentou para discutir com a militância se esse é o melhor caminho. Queremos saber se esse é o momento oportuno para apoiar esse governo. Queremos debater se esse é um governo que atende aos interesses do povo. Mas não existiu essa discussão.

O que o senhor tem a dizer sobre o comentário de que o PDT seria um apêndice da administração municipal?

Eu vejo que o jornalista Haroldo Duarte que acampanhou lá como secretário do prefeito e levou várias pessoas amigas dele para dentro da administração, inclusive a filha e a esposa. Mas o partido mesmo não teve uma participação ativa. Eu vejo isso mais como uma questão de pessoas oportunistas, ao invés de querer fazer um trabalho sério, com compromisso com a nossa cidade. Não existe uma questão política nessa área. É preciso voltar a dis-

cutir as nossas ações e o que o PDT tem de propostas para a saúde, educação, segurança e para o desenvolvimento da cidade. O partido está parado no tempo. Se esse prefeito provar para nós que ele quer o desenvolvimento da cidade, por que não o PDT apoiá-lo? Não tem problema. Mas o que acontece hoje é fruto de interesses pessoais.

Qual sua relação política e pessoal com Haroldo Duarte?

Minha relação pessoal com o Haroldo Duarte é uma das melhores. Já tem mais de 15 anos que a gente milita no PDT, sem problema algum. Mas de dois anos para cá a gente sente que ele está levando o partido para um lado que não é aquilo que pensamos. É o lado de um prefeito cassado. Parte do partido apóia [Pedro Sahium] e outra parte está descontente. Precisamos chegar a um entendimento – é isso que falta dentro do PDT.

E a afirmação de Haroldo Duarte de que o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, será candidato a prefeito de Anápolis?

Primeiro quero deixar claro que não acredito que Henrique Meirelles venha a ser candidato a prefeito de Anápolis. Mas caso isso aconteça, quem somos nós para breçar essa candidatura? Caso Meirelles venha a ser candidato, ele vem com o apoio da nacional. Então, se ele vir, que bom. Mas não acredito nessa possibilidade e acho que é mais um blefe do jornalista Haroldo Duarte. Nas eleições passadas ele se colocou como candidato do partido, mostrando o nome do Henrique Meirelles e falando que o presidente do BC estaria patrocinando a sua candidatura. Com isso paramos a discussão com o PT, PSDB e outros partidos. Chegou um momento que teríamos candidato próprio, mas no último dia das coligações o jornalista Haroldo Duarte disse que não seria candidato. Então o PDT ficou sem par. O que restou foi uma aliança com o PFL, um partido de outra vertente, mais de direita, diferente de nós.

Em outras palavras, o jornalista Haroldo Duarte é nocivo ao PDT?

Eu acredito que sim.

O senhor fala no documento encaminhado ao diretório regional que o Haroldo Duarte xingou o membro do partido José de Lima. Como foi esse fato?

Isso aconteceu no dia 4 de abril, em uma reunião no condomínio onde o senhor Haroldo Duarte reside. Ele convocou uma reunião com todos os partidos que podem apoiar a candidatura do Henrique Meirelles. Nessa reunião



ele disse que estava falando do Henrique Meirelles. Vários companheiros manifestaram interesse em participar das eleições nessa ocasião. Foi lembrado por mim que o suplente de deputado estadual José de Lima seria um candidato que gostaria de participar. E ele [Haroldo Duarte] falou em bom tom que o José de Lima não era uma candidatura séria. Então isso, de certa forma, criou um constrangimento muito grande dos participantes da reunião, com várias manifestações em defesa do companheiro José de Lima. Ele citou essas palavras [bobão e analfabeto], faltando com o decoro.

O senhor acredita que ele não tem respeito as figuras importantes do partido na cidade?

Ele sempre se julga o dono da verdade, o mais intelectual de Anápolis, o mais capacitado. Ele não olha o lado das pessoas mais humildes, que são lutadoras. São pessoas que estão há 20 anos no partido. O José de Lima teve 11 mil votos na cidade, na sola do sapato. O segundo suplente é de Anápolis também, o José Odilon da Fla. Benedito Diogo concorreu como vice do frei Valdair em uma chapa que teve quase 35 mil votos. E outras figuras importantes, como o doutor Pedro Ernesto. A gente tem que partir do princípio que todos os companheiros são importantes.

O assessor municipal José Escobar tem agido de que forma dentro do partido?

Ele tem agido mais na neutralidade. Ele não interfere no partido, embora saibamos o lado que ele está.

Além do José de Lima, as figuras de maior projeção do PDT estão na administração municipal. O senhor não lidera um grupo com dor de cotovelo?

Eu não vejo por esse lado. Quando você fala que as pessoas mais conhecidas estão com o prefeito, eu não acredito. Essa documentação que estamos encaminhando ao diretório tem o apoio do José de Lima, do José Odilon, do Benedito Diogo. Temos apoio dos médicos e da militância mais combativa do PDT, que foram candidatos a vereador. Temos um abaixo-assinado pedindo renovação com mais de 70 assinaturas.

Quantos filiados o PDT tem em Anápolis?

Hoje são 627 filiados.

Setenta não é um extrato muito pequeno?

O estatuto do partido fala que caso 10% dos membros não concordar com a direção, podemos convocar novas eleições. Atingimos esse número, mas poderíamos ter uma lista aqui com até 200 militantes.

Qual a avaliação do partido em relação ao trabalho do vereador Mauro Severiano?

Não podemos questioná-lo porque o partido não dá suporte. O estatuto diz que o vereador tem que cumprir as metas do partido, mas aqui em Anápolis o PDT não

faz reunião e não traça uma diretriz para o vereador. O Mauro é da base aliada do prefeito e acho que ele faz o papel normal dele. Agora se o partido mudar seu pensamento, em acho que o Mauro vai cumprir a nova direção.

“Licitação na calada da noite”

Além de vice-presidente do PDT, Emivaldo Miranda é também empresário da construção civil. Ele conta no trecho a seguir que sublocou a mão-de-obra para construção de quatro escolas municipais. O contrato foi assinado pela prefeitura com uma empresa que, segundo Miranda, trabalha no ramo alimentício. O empresário afirma que recebeu R\$ 120 mil pelo trabalho, mas a empresa que o contratou recebeu quase R\$ 2 milhões. "Ficou R\$ 1 milhão e 997 mil para ela. E tiveram alguns aditivos que eu não sei de quanto foi". Miranda ressalta que na época procurou o Ministério Público para denunciar o fato.

O Haroldo Duarte diz que o senhor está fazendo essas denúncias porque não tem conseguido obras na prefeitura.

Eu acho que todo empresário quer trabalhar. Antes de apoiar o Pedro Sahium, o PDT discutiu isso. Um acordo político definiu que o prefeito daria oportunidade àqueles que são da base aliada. Depois de um tempo, observamos que isso não ocorreu. Nem participávamos de licitações. Cheguei a dizer ao prefeito que os editais não estavam indo para o quadro. Quando ficávamos sabendo da construção, uma empresa de Goiânia já estava fazendo. E muitas obras saíram sem licitação, feitas na calada da noite. Diante desses fatos percebemos que ele não cumpriu o acordo político com o PDT. Ele apenas pinçou algumas pessoas e levou para a prefeitura. A grande maioria ficou de fora e eu também. Não estou revoltado com isso porque sempre trabalhei com a iniciativa privada. Há mais de 30 anos que sou empresário da construção civil. Nunca trabalhei para a prefeitura, nunca fiz um contrato. Já assumi serviços de empresas através de terceirizações.

O senhor falou sobre o superfaturamento de obras em escolas.

Na época eu fui contratado para fazer a mão-de-obra de quatro escolas. Quem pegou a obra foi a empresa que vende arroz, feijão, óleo e açúcar para a prefeitura. Como ela condições técnicas de fazer

essas escolas, elas me contrataram. Quando eu terminei as escolas, e precisava pagar todos os impostos, eu peguei a planilha e o cronograma financeiro. Cheguei à conclusão que eu tinha pegado uma obra por R\$ 30 mil cada escola e teria que pagar imposto de uma obra de R\$ 1,5 milhão. Quer dizer: quem pegou por R\$ 30 mil não dava nem para pagar os impostos. Então eu descobri que era muito acima do valor da obra. E eu questionei ao secretário da época, levei ao conhecimento do presidente do partido e do prefeito, e eles acharam que não deveria tocar para frente. Eu, como empresário, fiz uma denúncia no jornal O Anápolis e procurei o promotor. Fiz minha parte.

Você lembra quais eram as escolas?

Era uma no Pirineus, uma no Parque Brasília, outra no Setor Industrial e outra na Vila Sul.

Esses R\$ 120 mil pela mão-de-obra das quatro escolas você recebeu?

Recebi sim esses R\$ 120 mil. Paguei toda a mão-de-obra.

E a empresa que te contratou, a New Base, recebeu quanto?

Ficou R\$ 1 milhão e 997 mil para ela. E tiveram alguns aditivos que eu não sei de quanto foi.

E o que o prefeito falou na época?

O prefeito alegou que tinha conversado com o secretário e realmente o preço estava fora. Ninguém se mexeu e está na Justiça porque o promotor pegou a investigação. Acho que qualquer hora vão devolver o dinheiro aos cofres públicos.

Uma empresa que trabalha com alimentos pode pegar um trabalho desse tipo?

Não porque ela tem que ter capacidade técnica. Eles pegaram o serviço – eu não sei como foi a licitação – e me procuraram porque sabiam que minha empresa tem capacidade. O preço acertado com a mão-de-obra foi baixo.

Depois desse serviço das quatro escolas você trabalhou com mais alguém um contrato da prefeitura?

Não. Antes eu tinha executado um serviço para uma empreiteira de Goiânia. Foi a reforma de seis escolas. Mas essa eu não sei como foi o contrato.

Quanto você recebeu?

Foi um serviço menor, fiz um contrato de R\$ 80 mil para executar as reformas.